



**COMO AS PRÁTICAS ALIMENTARES SE TORNARAM JUSTIFICATIVA PARA O
RACISMO EM FACE A COVID-19**

How food practices became justification for racism face to COVID-19

Luiza Giordani

Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharela em
Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Email: luizagiordani@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p. 13-21, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Até onde se tem conhecimento, o marco zero na propagação do novo coronavírus foi o Huanan Seafood Market, localizado na cidade de Wuhan, na China. Dessa forma, um dos pontos dos ataques xenófobos que vêm sendo direcionados à comunidade asiática em geral e chinesa especificamente é com base na alimentação, considerada “exótica” pela norma estandardizada. Partindo do contexto vivenciado a partir da disseminação da covid-19 pelo mundo, exploro as implicações que a pandemia trouxe para imigrantes e descendentes de asiáticos nos EUA, a fim de compreender o impacto que a pandemia teve na vida dos indivíduos e da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Covid-19. Xenofobia contra asiáticos. Pureza alimentar.

ABSTRACT:

As far as it is known, the ground zero in the spread of the new coronavirus was the Huanan Seafood Market, located in the city of Wuhan, China. Thus, one of the points of the xenophobic attacks that have been directed at the Asian community in general and Chinese people specifically is based on food, considered “exotic” by the standardized norm. Starting from the context experienced in the world from the spread of covid-19, I explore the implications that the pandemic has brought to immigrants and descendants of Asians in the USA, in order to understand the impact that the pandemic has had on the lives of individuals and the community.

KEYWORDS:

Covid-19. Xenophobia against Asian people. Food purity.



Ataques, ofensas, discriminação. Nos mais diferentes países, nos mais diferentes veículos de comunicação, esses temas têm sido uma pauta constante, trazidos por reportagens que retratam as violências infligidas contra imigrantes asiáticos desde que o novo coronavírus começou a se disseminar.

Em dezembro de 2019, foi identificado um novo vírus da linhagem betacoronavírus (AUWAERTER, 2020). Enquanto a comunidade científica se debruça na problemática de sua nomenclatura, a mídia sai na frente. Já no final de janeiro, a Revista Times (TWEETEN et al., 2020) publicou uma reportagem com informações sobre o vírus e a linha do tempo dos acontecimentos até então. Os nomes empregados pelos editores ao se referirem à doença? “Wuhan Coronavirus” e “China Coronavirus”. Em março, o presidente estadunidense Donald Trump usou o termo “Chinese Virus” em sua conta pessoal no Twitter (TRUMP, 2020) e em uma série de pronunciamentos oficiais, enquanto outros representantes do governo dos EUA seguiram a mesma linha (BBC NEWS, 2020), empregando os mesmos termos utilizados pela Revista Times. No entanto, a doença já havia sido batizada em fevereiro (THUBURN, 2020) como covid-19 – acrônimo para Corona Virus Disease 2019.

Em 2015, a Organização Mundial da Saúde (OMS) havia convocado cientistas, autoridades nacionais e a mídia. O objetivo era fazer a divulgação de novas diretrizes para a nomenclatura de doenças infecciosas humanas, a fim de “minimizar impactos negativos desnecessários em países, economias e pessoas” (LINDMEIER; DAVIES, 2015). Segundo a OMS (LINDMEIER; DAVIES, 2015), o uso de nomes vinculados a locais ou populações tem uma repercussão estigmatizante contra estas comunidades ou setores. Os termos que deveriam ser evitados incluíam a relação com localizações geográficas, nomes de pessoas, espécies de animais ou gêneros alimentícios, referências a cultura, população, indústria ou ocupação laboral, e ainda palavras que levem ao pânico coletivo.

Portanto, relacionar a covid-19 à China ou especificamente a Wuhan não é apenas ir de encontro às diretrizes da OMS conhecidas há cinco anos. Não é apenas uma imprudência por parte dos órgãos da mídia e dos governos. Se trata de reproduzir um comportamento racista e estigmatizador, para dizer o mínimo. Se trata de transformar estes indivíduos em potenciais alvos por parte das camadas mais intolerantes.



Se trata de alimentar ainda mais a xenofobia, que já vinha aumentando o número de vítimas em diversos países.

Não apenas chineses ou descendentes, mas também indivíduos com fenótipos associados aos nativos da Ásia Oriental e do Sudeste Asiático passaram a ser alvo de ataques, tanto no meio online quanto em pessoa, tanto verbalmente quanto fisicamente. Descendentes de imigrantes que já são a segunda ou terceira geração a nascer em outro país (WU, 2020). Estudantes que já estão fora da Ásia há anos (ARATANI, 2020). Homens, mulheres, jovens, velhos (TAVERNISE; OPPER JR., 2020). A intolerância partiu para cima até das crianças (BURTON, 2020). O preconceito e o racismo para com estes indivíduos, que já era sentido de forma latente, encontrou na pandemia a justificativa perfeita para sair do ostracismo e se manifestar abertamente.

Navegando pela internet, lendo comentários nas redes sociais ou passando pelos portais de notícia, não é difícil encontrar conteúdos que sigam em pelo menos uma destas linhas:

- a. Questione as práticas de higiene relacionadas à comida chinesa, seja na sua comercialização (ex.: supostamente, a “sujeira” do mercado de Wuhan e a exposição dos produtos sem “boas práticas” de higiene - para a “norma” standardizada, pelo menos - explicariam a disseminação do vírus), seja na preparação da comida em si;
- b. Generalize os hábitos alimentares, colocando sob o mesmo guarda-chuva práticas tradicionais de outros países do Oriente ou ainda restritas a determinada região da China como se fossem todos chineses em geral;
- c. Critique a cultura alimentar chinesa pela ingestão de pratos considerados “exóticos” para os “padrões” da cultura normativa (ex.: supostamente, a prática de comer morcegos é que teria contaminado o paciente zero com o novo coronavírus e então passasse a disseminar a doença).

Tudo isso são formas claras de etnocentrismo praticado por indivíduos que desconsideram a alteridade e diminuem a cultura do outro, estabelecendo a sua pró-



pria como a norma. O que é diferente é o problema e deve ser combatido em prol do que é o “certo”. Nesse sentido, Lévi-Strauss afirmou que:

a atitude mais antiga e que se assenta sem dúvida em fundamentos psicológicos sólidos, pois tende a reaparecer em cada um de nós quando se nos depara numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais - morais, religiosas, sociais, estéticas - mais afastadas daquelas com que nos identificamos (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 236).

Enquanto o número de casos de violência contra asiáticos em geral e chineses especificamente continua a aumentar (TAVERNISE; OPPER JR., 2020), associações e ativistas se unem para cobrar medidas dos governos. Algumas cidades iniciaram campanhas de repúdio à violência e à intolerância, mas em se tratando de uma situação completamente inédita, é difícil mensurar as implicações que estão por vir para todos os lados.

Até o momento, a teoria mais provável é a de que a covid-19 surgiu a partir da mutação de um vírus encontrado em morcegos, tendo como marco zero o Huanan Seafood Market (READFEARN, 2020). Dessa forma, parte da violência contra a comunidade tem se voltado para os hábitos alimentares e as práticas de higiene em relação à comida. Os perpetradores atribuem a doença ao consumo de animais considerados “exóticos” e às “más condições” higiênico-sanitárias em que os insumos ficam expostos no mercado, de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade normativa.

Por isso, uma das vias de ataque de muitos racistas e xenófobos tem sido a alimentação (BURTON, 2020; WU, 2020). Em um país que mantém tradições alimentares não-convencionais para a visão ocidental estandardizada, a ideia de comer animais “exóticos” soa, no mínimo, esquisita. Esquecem das práticas alimentares vigentes no Brasil, por exemplo, onde algumas tribos comem carne de macaco e sopa de tartaruga (MACIEL, 2005), ou mesmo na França, onde a carne de cavalo é altamente apreciada e a lesma é uma iguaria desejada.

Comer é vital: os seres vivos precisam se alimentar para fornecer energia e nutrientes para o organismo. Mas, no ser humano, este ato está carregado de significado cultural. Para Lévi-Strauss, “a eixo que une o cru e o cozido é característico da cultura, o que une o fresco e o podre, da natureza, já que o cozimento realiza a



transformação cultural do cru, assim como a putrefação é sua transformação natural” (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 172). Cada escolha que se faz no momento de ingerir um alimento, da seleção ao modo de preparo, do tempero aos utensílios utilizados, tudo passa pela interferência da cultura na qual o indivíduo está inserido. Portanto, a preferência por comer um determinado animal em detrimento de outro é uma escolha culturalmente dirigida, e classificar as práticas de uma cultura como certas e as do outro como um erro é recorrer a um etnocentrismo puro e simples.

A comida chinesa, além do imaginário construído em torno de práticas de consumo não-convencionais, é frequentemente rotulada como pouco higiênica (WU, 2020), remontando a uma discussão sobre a sacralidade da limpeza. Como diz, por exemplo, Mary Douglas, “a nossa ideia do impuro é fruto do cuidado com a higiene e do respeito pelas convenções que nos são próprios. Certamente que as nossas regras de higiene evoluem com os conhecimentos que adquirimos” (DOUGLAS, 1991, p. 10). A sociedade ocidental encara com repulsa tudo aquilo que é considerado sujo e anti-higiênico. A visão do “nós” como limpo e sagrado e do “eles” como sujo e profano não é nova, assim como a segregação entre estas duas entidades a fim de que o sujo não macule a pureza do limpo.

Latour (1993) afirma que muito dessa visão higienista contemporânea está relacionada ao movimento de “pasteurização” da sociedade a partir do século 19. Naquele momento, uma mudança nas práticas sanitárias era importante para que se pudesse conter a disseminação de doenças e a infestação de micróbios. Porém, o autor defende que, nos dias de hoje, é necessário rever a relação entre natureza, ciência e sociedade, retomando o protagonismo que a ciência adquiriu a partir de então como a única detentora da verdade.

No entanto, a separação entre sagrado e profano, puro e impuro, limpo e sujo já está presente em diferentes sociedades há séculos. Na sociedade de castas na Índia, por exemplo, uma série de rituais precisam ser observados para manter a sacralidade do indivíduo e do alimento. O interdito à carne bovina é um dos mais conhecidos, mas também há prescrições referentes ao estado da matéria, aos ingredientes que podem ou não serem misturados e quem pode ofertar comida aos demais, para citar apenas alguns (DUMONT, 2008). Todas essas normas precisam ser respeitadas



a fim de manter o estado de pureza do indivíduo, assim como preservar a hierarquia estabelecida entre as castas.

Essa distinção entre o “nós” e os “outros”, que mencionei acima, acaba sendo observada e vivenciada em determinadas sociedades não apenas por imigrantes, mas também por seus descendentes em uma base quase diária. No caso dos imigrantes de origem asiática,

a contínua percepção de Asiático-Americanos como ‘estrangeiros natos’ e os constantes ataques raciais contra indivíduos por serem ‘asiáticos’ obrigaram ativistas a organizar, através de uma rede de associações, uma ‘etnia pan-asiática’ a fim de combater a estigmatização racial e lutou para proteger interesses comuns (ONG, 2003, p. 255).

Ainda que se considere um país “composto por imigrantes”, muitas vezes deixando escanteado nesta definição as diferentes etnias nativas que já compunham o território antes da colonização, os Estados Unidos foram implicados em diversas denúncias pela forma criminosa com que os imigrantes e refugiados têm sido recebidos na fronteira sul do país.

Portanto, não foi a partir da pandemia de covid-19 que a xenofobia direcionada a imigrantes e descendentes de origem asiática, em geral, e chineses, em específico, começou a se propagar. A prática escancarada dessa violência covarde já estava enraizada nas bases de seus perpetrantes, sendo reforçada diariamente a partir de pequenas atitudes que demonstravam o descontentamento destes indivíduos com a alteridade. No entanto, com a disseminação do vírus, estes indivíduos encontraram uma justificativa para validar a prática da sua violência de forma escancarada, sem precisar mais de subterfúgios.



REFERÊNCIAS

ARATANI, Lauren. ‘Coughing while Asian’: living in fear as racism feeds off coronavirus panic. **The Guardian**, London, 24 mar. 2020. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/24/coronavirus-us-asian-americans-racism>. Acesso em: 29 abr. 2020.

AUWAERTER, Paul G. Coronavirus COVID-19 (SARS-CoV-2). **Johns Hopkins ABX Guide**, The Johns Hopkins University, 2020. Disponível em www.hopkinsguides.com/hopkins/view/Johns_Hopkins_ABX_Guide/540747/all/Coronavirus_COVID_19_SARS_CoV_2_. Acesso em: 23 abr. 2020.

BBC NEWS. Trump angers Beijing with ‘Chinese virus’ tweet. **BBC**, London, 17 mar. 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-asia-india-51928011>. Acesso em: 23 abr. 2020.

BURTON, Nylah. The coronavirus exposes the history of racism and “cleanliness”. **Vox Media**, New York, 7 fev. 2020. Disponível em <https://www.vox.com/2020/2/7/21126758/coronavirus-xenophobia-racism-china-asians>. Acesso em: 26 abr. 2020.

DOUGLAS, Mary. A impureza ritual. In: DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu**. Tradução de Sônia Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Edições Brasil, 1991. p. 10-25. Tradução de: Purity and Danger.

DUMONT, Louis. **Homo-Hierarchius: o sistema de castas e suas implicações**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 420 p. Tradução de: Homo hierarchicus: le système des castes et ses implications.

LATOUR, Bruno. **The pasteurization of France**. Translated by Alan Sheridan and John Law. Cambridge: Harvard University Press, 1993. 273 p. Tradução de: Les microbes: guerre et paix suivi de irrèductions.

LÉVI-STRAUS, Claude. Raça e história. In: COMAS, Juan. et al. **Raça e Ciência I**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 231-270. Tradução de: Le racisme devant la science.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Sinfonia breve. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 163-173. (Coleção Mitológicas). Tradução de: Le Cru et le cuit.

LINDMEIER, Christian. DAVIES, Olivia. WHO issues best practices for naming new human infectious diseases. **World Health Organization**, Washington, 8 mai. 2015. Disponível em <https://www.who.int/mediacentre/news/notes/2015/naming-new-diseases/en/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

MACIEL, Maria Eunice. Olhares antropológicos sobre a alimentação: identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, AM., and GARCIA, RWD., (Org). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. 49-55.

ONG, Aihwa. Asian Immigrants as the New Westerners? In: ONG, Aihwa. **Buddha is**



hiding: Refugees, Citizenship, the New America. Berkeley: University of California Press, 2003. p. 253-273.

READFERN, Graham. How did coronavirus start and where did it come from? Was it really Wuhan's animal market? **The Guardian**, London, 28 abr. 2020. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/28/how-did-the-coronavirus-start-where-did-it-come-from-how-did-it-spread-humans-was-it-really-bats-pangolins-wuhan-animal-market>. Acesso em: 29 abr. 2020.

TAVERNISE, Sabrina. OPPEL JR., Richard A. Spit On, Yelled At, Attacked: Chinese-Americans Fear for Their Safety. **The New York Times**, New York, 23 mar. 2020. Disponível em <https://www.nytimes.com/2020/03/23/us/chinese-coronavirus-racist-attacks.html>. Acesso em: 29 abr. 2020.

THUBURN, Dario. WHO has finally named the new coronavirus. **Science Alert**, 12 fev. 2020. Disponível em <https://www.sciencealert.com/who-has-finally-named-the-deadly-coronavirus>. Acesso em: 23 abr. 2020.

TRUMP, Donald (@realDonaldTrump). "The United States will be powerfully supporting those industries, like Airlines and others, that are particularly affected by the Chinese Virus. We will be stronger than ever before!". 16 mar. 2020, 7:51 pm. Tweet.

TWEETEN, Lon. BARONE, Emily. WOLFSON, Elijah. How the China Coronavirus Spread: Full Timeline. **Time Magazine**. 30 jan. 2020. Ilustrada. Disponível em <https://time.com/5774366/how-coronavirus-spread-china>. Acesso em: 23 abr. 2020.

WU, Amy. Are old prejudices against Asian-Americans behind the new racist targeting of Chinese food in coronavirus-hit US? **South China Morning Post**, Hong Kong, 4 abr. 2020. Disponível em <https://www.scmp.com/comment/opinion/article/3078173/are-old-prejudices-against-asian-americans-behind-new-racist>. Acesso em: 24 abr. 2020.

Recebido em: 15/05/2020

Aceito para publicação em: 20/06/2020

